

Fernando Augusto

A ÚLTIMA BATALHA

Grande Prémio SPA/Novo Grupo 1999



Sociedade Portuguesa de Autores · Publicações Dom Quixote

FERNANDO AUGUSTO

A ÚLTIMA BATALHA

Libelo em treze cenas

Grande Prémio SPA/Novo Grupo 1999

05.2.09



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

2000

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Augusto, Fernando, 1947-

A última batalha: libelo em treze cenas.

(Sociedade portuguesa de autores. Teatro)

ISBN 972-20-1839-6

CDU 821.134.3-2“19”



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Cintura do Porto

Urbanização da Matinha, Lote A – 2.º C

1900-649 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2000, Fernando Augusto, Sociedade Portuguesa de Autores

Capa de: Miguel Imbiriba

Foto do autor: Carlos Gil

Revisão tipográfica: Eda Lyra

1.ª edição: Outubro de 2000

Fotocomposição: ABC Gráfica, Lda.

Depósito legal n.º 153578/00

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1839-6

PREFÁCIO

Luiz Francisco Rebello

Tudo o tempo é história, e a história é uma fabula dramática se quiserem, mesmo quando a vida que por trás dela, num tempo que é o mesmo, se desenrola e o da representação. E História não é só a que se narra, é a que se representa. Por isso, a ideia de que Vasco Fernandes é só aquele que reconstrói (que intenta reconstruir) os fatos, situações e personagens do passado — ideia que os dramaturgos românticos e ultra-românticos e os seus epígonos puseram no topo do palco — é uma ideia falsa e redutora.

Quem entende que só podia haver tragédia sobre feitos e pessoas tão grandiosamente recentes, e recusa dois séculos para contar a história de Frei Luís de Sousa, mas entre a batalha de Salamina e a interpretação dos Parnas de Esquilo, que nela se inspira, faziam deuses de apenas oito meses, e menos ainda decorreram entre a morte do príncipe D. João (1254) e a sua dramaturgia por Diogo de Teive (1354). Regressa-lhes o por isso o título de dramas históricos?

Exatidão e fantasia, os dramaturgos portugueses (Strau, Santarém, Cláudio Pinheiro) utilizaram a história como máscara transparente para o futuro, não o passado, mas através dele o presente. Era neste sentido que Bocca falava em «historicização»: mostrar os acontecimentos e as situações sob o seu aspecto histórico, efêmero e transferível. E o que, obviamente, nada tinha a ver com a reprodução literal de acontecimentos.

De uma perspectiva diversa, o mesmo se poderá dizer de *Quem Rebelde*. É o seu protagonista o Marquês de Pombal, aqui surpreendido no exercício da sua existência, em luta com as facturas do seu

Todo o teatro é histórico, porque toda a fábula dramática se inscreve, mesmo quando e ainda que por negação, num tempo que é simultaneamente o da acção e o da representação. E História não é só o que aconteceu, é também o que está a acontecer. Por isso, a ideia de que teatro histórico é só aquele que reconstitui (que intenta reconstituir) factos, situações e personagens do passado – ideia que os dramaturgos românticos e ultra-românticos e os seus epígonos puseram em circulação – é uma ideia falsa e redutora.

Garrett entendia que só podia haver tragédia «sobre factos e pessoas comparativamente recentes», e recuou dois séculos para contar a tragédia de *Frei Luis de Sousa*. Mas entre a batalha de Salamina e a representação dos *Persas* de Ésquilo, que nela se inspira, haviam decorrido apenas oito anos; e menos ainda decorreram entre a morte do príncipe D. João (1554) e a sua dramatização por Diogo de Teive (1558). Negar-se-lhes-á por isso o título de dramas históricos?

Durante o fascismo, os dramaturgos portugueses (Sttau, Santareno, Cardoso Pires) utilizaram a história como máscara transparente para mostrar, não o passado, mas através dele o presente. Era neste sentido que Brecht falava em «historicização»: «mostrar os acontecimentos e os homens sob o seu aspecto histórico, efémero e transformável». O que, obviamente, nada tinha a ver com a reprodução naturalista desses acontecimentos.

Numa perspectiva diversa, o mesmo se poderá dizer da *Última Batalha*. É seu protagonista o Marquês de Pombal, aqui surpreendido nos últimos dias da sua existência, em luta com os fantasmas do seu

passado. O autor (como já fizera em *Príncipe Bão*, inexplicavelmente ainda ausente dos nossos palcos) procede a uma recriação mito-poética da personagem, nem por isso desenquadrada do seu contexto histórico, mas alheia a toda e qualquer preocupação naturalista. Acaso ter-se-á recordado da sábia advertência de Garrett: «os algarismos das datas (são) irreconciliáveis com todo o trabalho de imaginação». Ou ainda: «nem o drama, nem o romance, nem a epopeia são possíveis, se os quiserem fazer com a *Arte de Verificar as Datas* na mão».

A acção do drama situa-se, é claro, nos finais do século XVIII. Mas não é por isso que se trata de um drama histórico. Porque, se o tempo da fábula é o de ontem, ele é também de hoje. Ou de amanhã.